



CULTURAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS EM DISCURSO: PROBLEMATIZANDO O *FUNK* OSTENTAÇÃO

Dr^a Juliana Vargas/ULBRA

RESUMO: Elaborado frente aos aportes teóricos dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, em perspectiva pós-estruturalista, o presente estudo coloca-se como uma pesquisa “guarda-chuva” que tematizada sobre as culturas juvenis contemporâneas. Na presente etapa, a investigação teve como objetivo analisar discursivamente, frente estratégias de análise do discurso de inspiração foucaultiana, músicas relacionadas ao estilo contemporaneamente conhecido como *funk* ostentação. Tais músicas foram amplamente executadas pelos canais midiáticos rádio e *web* nos anos de 2013 e 2014 e eram, também, as mais escutadas por um grupo de estudantes do último ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Rede Municipal de Porto Alegre (RS). Vale destacar as referidas músicas são compreendidas neste estudo como produções culturais e ainda, como superfícies de visibilidade de determinados enunciados e discursos, os quais operam sobre a constituição de masculinidades e de feminilidades juvenis contemporâneas. Através das análises realizadas foi possível verificar que as músicas relacionadas o *funk* ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um *status* frente aos demais. De modo semelhante, os desejos femininos são descritos unicamente como relacionados à vaidade e à beleza. Nas canções, tais desejos são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Entendo que esta investigação, mais do que visibilizar e problematizar a constituição de expressividades das culturas juvenis contemporâneas, visa contribuir para organização de diferenciadas práticas pedagógicas nas instituições escolares, a partir do conhecimento de dimensões da vida dos jovens e das jovens na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais. Gênero. Juventudes.

CULTURAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS EM DISCURSO: PROBLEMATIZANDO O FUNK OSTENTAÇÃO

Dr^a Juliana Vargas/ULBRA

Primeiras palavras

Uma estudante do último ano do Ensino Fundamental escuta uma de suas músicas preferidas no celular: *Mulher do Poder*, interpretada pela *Mc Pocachontas*¹. É interessante destacar que na versão audiovisual da música, a intérprete em questão aparece, em diversos momentos, desfrutando de bens de consumo de alto valor, como roupas e acessórios de grifes famosas, a exemplo da *Louis Vuitton*². A artista também refere na letra da música que para iniciar/manter um relacionamento afetivo seu parceiro deve, obrigatoriamente, *lhe dar condição*, ou seja, sustentar seus desejos e suas vaidades, não importando o quão caro sejam. Frente a esta descrição, vale questionar: estarão as jovens da atualidade, principalmente aquelas apreciadoras do estilo *funk ostentação*, organizando seus relacionamentos de amizade e de afeto de modo semelhante à *Mc Pocachontas*?

O presente estudo, recorte de uma investigação mais ampla, buscou analisar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos visibilizados por músicas relacionadas ao estilo contemporaneamente conhecido como *funk ostentação*. É importante destacar que tais músicas foram amplamente executadas pelos canais midiáticos rádio e *web* nos anos de 2013 e 2014 e eram, também, as mais escutadas por um grupo de estudantes do último ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Rede Municipal de Porto Alegre (RS).³ É importante referir que algumas das músicas escutadas e também entoadas nos recreios e nas salas de aula pelos

¹Mc Pocachontas é o nome artístico de Viviane Queiroz, cantora carioca. Ver: <http://www.brasilblogado.com/mc-pocachontas-oficial/> Acesso 20 jul 2014.

²O vídeo da música pode ser visibilizado pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=AGuf8ARymiU>. Acesso em 15 abr 2015.

³ Escola onde a autora trabalhava até o início do ano de 2015. Os dados das preferências musicais subsidiaram a produção da Tese de Doutorado *O que ouço me conduz e me produz: a constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia* (VARGAS, 2015).

alunos e alunas acabam por constranger muitos docentes em razão do conteúdo sexista, lascivo e/ou relacionado às atividades ilícitas descrito por algumas das letras.

Como corpus analítico foram elencadas vinte músicas relacionadas ao *funk* ostentação, as quais detinham as características anteriormente destacadas: eram sucessos na mídia radiofônica e em canais de entretenimento da *web* (Youtube) e ainda, eram as preferidas do grupo de alunas em questão, ao longo do período referido.

O caminho teórico-metodológico

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível compreender as manifestações significativas para os distintos grupos sociais, tal como as músicas, como produções culturais. Conforme afirmam Cary Nelson e demais autores (1995), os Estudos Culturais constituem-se em um campo teórico “interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra-disciplinar” (NELSON, 1995, p.13), comprometido com a problematização da relação entre alta e baixa cultura, a qual associa o conceito de cultura exclusivamente às produções de determinados grupos sociais, denominando-as como produções de alta cultura. Logo, desde seu princípio, os Estudos Culturais configuram-se como espaço para a problematização de relações dicotômicas, fundamentadas pelas tradições elitistas, tais como alta cultura x cultura de massa; cultura burguesa x cultura operária e entre cultura erudita x cultura popular. (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003).

De acordo com Hall, (1997) as tecnologias de informação contribuem para os processos de produção, circulação e troca cultural entre os indivíduos de um mesmo grupo social e entre distintos grupos, tal como pode ser verificado neste estudo. A expressão centralidade da cultura representa a dimensão assumida pelas produções culturais na contemporaneidade uma vez que estão presentes na vida de todos os sujeitos sociais, pois “[a cultura] penetra em cada recanto da vida social contemporânea [...] mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam

[...]” (HALL, 1997, p. 22) sendo (re)produzida e (re)significada continuamente. Ainda é importante destacar, de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, o conceito de juventude como uma categoria plural, fato que a afasta de um modo único para descrevê-la e contextualizá-la.

Já os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como originários unicamente de categorizações biológicas para o entendimento dos mesmos como relacionados às construções históricas sociais, fomenta modos diferenciados de descrição e análise de tais sujeitos (LOURO, 1997). Sob tal perspectiva gênero é compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995). Teresa de Lauretis (1994) compreende gênero para além das diferenças sexuais, pois para autora também essas não são universais, tão pouco articuladas em razão de essências ditas únicas. Alinhada às ideias de Foucault (2009) sobre a constituição do sujeito a partir das práticas de subjetivação, a referida autora pontua a potencialidade de pensar o conceito de gênero como também uma tecnologia, produto de práticas discursivas.

É importante pontuar que compreendo as músicas em questão como superfícies de visibilidade de determinados discursos que constituem, entre outras dimensões, o entendimento sobre masculinidades e feminilidades. Assim, de modo semelhante a outros autores (FISCHER, 1996; SCHWENGBER, 2006; CARVALHO, 2011), articulo pressupostos da análise do discurso, a partir de Foucault, como a ferramenta teórico-metodológica de minha investigação.

Vale retomar, de acordo com o referido autor que os discursos organizam, constituem os sujeitos e os objetos aos quais se referem. Logo, não podem ser compreendidos apenas como um anúncio neutro de palavras e significados. Os discursos, para o referido autor, são históricos, são “[...] fragmentos de história, unidade e descontinuidade da própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não do seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo” (FOUCAULT, 2012,

p.143). A partir dessa premissa, pode-se pensar que os discursos são práticas organizadoras da realidade, a qual se difere nos distintos tempos e grupos sociais. Sobre o referido conceito, destaca Paul Veyne (2011, p. 50): “Os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram”.

Uma vez que para Foucault (2012, p. 143) os discursos são compreendidos como “conjuntos de enunciados que se apoiam em certas formações discursivas”, busquei entender como determinados enunciados eram reiterados, reconstituídos pelas músicas preferidas das alunas e também por suas narrativas. No entanto, os versos das músicas em questão não são aqui compreendidos como a cópia de determinados enunciados ou como uma série de descrições e regramentos a serem descobertos. Pontua Foucault (2012, p. 34) que o enunciado, visível pela escrita ou pelas palavras, é entendido sempre como um “acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”, mas que pode ser reiterado em outras superfícies de visibilidades (ou cenas enunciativas).

Como procedimento de organização dos enunciados e de delimitação dos discursos analisados, busquei interrogar como os mesmos (enunciados e discursos) eram constituídos como verdades, constituindo modos (possíveis) para que os jovens e as jovens, na atualidade, constituam masculinidades e feminilidades.

As minas que andam no ouro: discursos do funk ostentação

*Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos.
Esse é o bonde das minas que andam no ouro.
Gosto de ostentar e essa é a minha vida.
Mulher do Poder, é assim que eu sou conhecida
(Mulher do Poder- Mc Pocachontas)*

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao *funk* ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. A forte presença do *funk* em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação,

pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do *funk*, vale destacar as palavras do DJ Malboro, um dos percussores do estilo no Brasil: “É a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o *funk*”. (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Dayrell (2002) o *funk*, assim como o *rap*, tem sua origem na música negra norte-americana, a qual incorporou sonoridades africanas, baseadas, segundo o referido autor, no ritmo e na tradição oral. De um modo geral, tal ritmo musical é associado às classes sociais de menor poder aquisitivo e, por conseguinte, com uma suposta menor possibilidade de aquisição de bens de consumo. Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculo Canecão, o *funk* encontrou o seu espaço posteriormente nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por "diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral." (HERSCHMANN, 2005, p. 73).

As músicas relacionadas o *funk* ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um *status* frente aos demais. O mesmo estilo musical apresenta músicas que descrevem os desejos femininos como unicamente relacionados à vaidade e à beleza. Nas canções, tais desejos são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que "bancam" tudo o que elas desejam, a exemplo dos versos da música *Mulher do Poder*, que abrem esta seção.

Já nos versos da música *Plaquê de 100*, pode-se verificar também a evidência de um discurso consumista, uma vez que a propriedade de motos

e de automóveis de autovalor automobilístico, coloca-se como condição prévia para aproximação entre homens e mulheres:

*Contando os plaque de 100, dentro de um Citroën
Ai nós convida, porque sabe que elas vêm
De transporte nós tá bem, de Hornet ou 1100
Kawasaky, tem Bandit, RR tem também. (Plaquê de 100 – Mc Guimê)*

A música *Onde eu chego eu paro tudo*, interpretada pelo Mc Boy do Charmes, exemplifica as afirmações anteriores. Tal música descreve que o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado, de marcas como *Dior, Lacoste, Armani* e *Oakley*, possibilitaria aos homens encantar, seduzir e compartilhar da companhia de belas mulheres. O uso de adornos como cordões e correntes de ouro e ainda, a propriedade de carros e motos de valor elevado também são destacados pela música referida como ações potenciais para a elevação do *status* de quem os usa. A versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras semelhantes visibilizam homens jovens cercados de belas mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados.⁴ A seguir, apresento excertos da música que evidenciam as afirmações.

*[...] Meu cordão é um absurdo
Meu perfume é da Armani [...]*

*Pick-up cabine dupla
Jet na carroceria
Correria traz fartura
Fartura traz alegria
E no meu vocabulário
Não existe economia
Nós investe no poder
E usufrui da putaria (Onde eu chego eu paro tudo- McBoy do Charmes)*

Em determinados versos da música *Onde eu chego eu paro tudo*, é possível pensar que o uso de artefatos de marcas de grife e de automóveis caros seja propiciado pela prática de atividades ilícitas, tais como roubos e furtos. Refiro-me aqui, especificamente, aos versos “*correria traz fartura, fortuna traz alegria*” e “*nós investe no poder e usufrui da putaria*”. No ambiente

⁴ Pode-se referir aqui as músicas *Megane* (Mc Boy do Charmes), *É o fluxo* (Mc Nego Blue) e as *Minas do Camarote* (Mc Dedé).

da periferia é de conhecimento geral que “aqueles que fazem correria” são os sujeitos envolvidos em práticas ilícitas, a exemplo do tráfico de drogas e do comércio de máquinas caça-níqueis.

De modo semelhante, a música *Rolê da Haybusa*, de Mc Dedé também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário, tal como pode-se observar no recorte da mesma:

Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAAA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez (Rolê da Haybusa - Mc Dedé)

É interessante destacar que determinadas músicas apresentam, como fato comum, o interesse e a disponibilidade de uma mulher em ter até mesmo um contato íntimo com um homem que ostenta os bens referidos. As expressões *um cinco estrelas ela adora.*” (Ela monta na minha R1), *o pitstop da noite vai ser na minha cama, a balada começa com uísque e termina em suíte* (Pode chamar que ela vem) são exemplos de minha afirmação. Pode-se pensar que no contexto em que são apresentadas, tais expressões podem ser compreendidas como enunciações vinculadas a enunciados que comparam o exercício da sexualidade feminina a uma relação de proveitos materiais. Ou seja, em razão dos bens que lhe são oferecidos, a mulher “escolheria” relacionar-se intimamente (ou não) com um homem. É possível também compreender que os mesmos enunciados se inscrevam em discursos que denotam a mulher uma posição inferior e os homens como responsáveis pelo provimento de bens materiais, como foi destacado pelo discurso religioso por muito tempo.

Vale pontuar que algumas das músicas que reiteram enunciados e enunciações relacionadas ao discurso consumista também destacam a dimensão da beleza de modo diferenciado entre homens e mulheres. Assim, enquanto as mulheres bonitas são aquelas destacadas na referidas músicas pelos seus atributos físicos, os homens ditos bonitos, interessantes e sedutores são aqueles que se valem das roupas e dos adornos de luxo.

Em certa medida, é possível pensar que as músicas alinhadas com o *funk* ostentação visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo configura-se como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos. Como afirma Bauman, as sociedades contemporâneas padecem da síndrome consumista, na qual os desejos e anseios pelos bens materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111). Também as palavras de Dayrell (2002, p. 124) são profícuas para a problematização:

Vivemos no Brasil uma situação paradoxal. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma modernização cultural, consolidando uma sociedade de consumo, ampliando o mercado de bens materiais e simbólicos, mas que não é acompanhada de uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, mesmo que de forma restrita e desigual, em circuitos de informações, por meio dos diferentes veículos da mídia, e sofrem o apelo da cultura de consumo, estimulando sonhos e fantasias, além dos mais variados modelos e valores de humanidade.

É preciso escutar (mais): à guisa de conclusão

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue (Butler, 2002, p. 163)

As palavras de Butler (2002) são produtivas para pensar como os diferentes discursos, a exemplo daqueles elencados neste estudo, acabam por constituir distintos modos de ser uma jovem aluna na contemporaneidade. Apesar do conceito de juventude remeter a ideia de categoria plural, na atualidade, certas características tais como ostentação e beleza, acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, exaltadas por diversos

discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso consumista, visibilizados por músicas como as que foram neste estudo analisadas.

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): "[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]" Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser "reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura." (FISCHER, 2001, p. 591). Na atualidade, as diversas formas de veiculação da mídia fazem-se presente no cotidiano da maioria da população, visto, por exemplo, o número crescente de usuários de internet. Assim, as diversas formas da mídia "tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo" (FISCHER, 2007, p. 293). Logo, é possível pensar que a mídia fomente a visibilidade de estilos, gostos e, também, de histórias de vida, ações essas que contribuem para a constituição e assimilação de discursos diversos pela sociedade.

Também é importante destacar que o estudo das produções culturais produzidas/consumidas pelo meio das periferias urbanas, a exemplo das músicas associadas ao funk ostentação, apresenta-se como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços.

Desta forma, compreendo como necessário continuar o estudo e a problematização acerca das formas como os discursos visibilizados pelas músicas popularmente escutadas por jovens na atualidade produzem diferentes modos de viver as culturas juvenis. É possível pensar que a aproximação com diferentes discursos, também provocada pela escola, poderia produzir subjetividades outras propiciando-lhes distintos modos, diferentes possibilidades para a condução de suas condutas e de suas vidas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. In: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. **Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **A invenção do pedagogo generalista: problematizando discursos implicados no governo de professores em formação**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 302 f. Tese. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n.23, p. 36-61, maio./ago. 2003.

DAYREL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, vol.28, no. 1, p.117-136, jun. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

_____. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001/2

_____. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**.1996. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

_____. **A História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V. 22, n. 2, p. 15 - 46, jul./dez. 1997.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e Impasses - O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P.206-242.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

NELSON, Cary et al. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.P.7-38.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 195f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. **O que ouço me produz e me conduz? A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 182f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.